

Entrevista do Pe. Nello Rufaldi a Vincent Carelli e Dominique Gallois, em Belém, 3.11.82

NELLO- Nós partimos do princípio que a Igreja tem que anunciar a boa nova. Na linha atual do CIMI, a boa nova é muito prática, parte da situação concreta. A boa nova parte da situação em que o povo vive, da história que passou e se concretiza em atuações práticas, atitudes práticas frente a esse povo. Primeiro uma atitude que é importante: a gente não vai simplesmente para levar algo que é de fora, e distingue muito entre o Evangelho e o Evangelho encarnado numa cultura, por exemplo, ocidental. Aquilo que é o essencial é aquilo que é expressão de uma cultura que é nossa, mas que não é do índio. Então, o Evangelho tem que ser expresso e vivido por cada qual segundo sua cultura. E tem que ser uma boa nova, que está em contraposição à má notícia. Então, para ser boa nova tem que passar por alguns itens importantes, não pode prescindir da situação de terra, por exemplo, que é um dos itens importantes. A boa nova para o índio é ser dono, recuperar a posse completa, consciente, da própria terra. A defesa da terra é um dos itens principais. Depois, o respeito à cultura, aquilo que a gente disse, né, expressar o Evangelho na própria cultura. É reconhecer também a presença do Evangelho como expressão pela cultura do índio. Depois, outra linha é auto-determinação. Que os índios se tornem donos da própria história. Por que também na história da salvação a resposta de fé, se não é livre, então tem que ter a auto-determinação, é sempre uma imposição, que nunca é uma história né, a determinação da própria história. E aí entram como aspectos que também

m são importantes, mas que também depende deste, o problema da educação, por exemplo. Educação como consequência, educação é ser índio, não é educação ser branco. Agora, a atuação lá no Oiapoque partiu de uma situação de fato, que a gente teria que especificar que praticamente, então, onde agente encontra um povo que vive a própria religião, os próprios costumes, a própria tradição religiosa, a gente procura viver com eles e descobrir e não impor a catequese, não é. Onde já tem povos cristãos, como lá no Oiapoque há séculos tem cristianismo, eles já tinham o batismo, o casamento. Então, procura que esta religião siga este caminho que a gente descreveu antes, torne-se elemento para revitalizar a cultura, a defesa da terra e para a auto determinação. A religião mesmo, eles tem, agente parte de um dado de fato, histórico, não como é que deveria ser. Então lá no Oiapoque, através da, do trabalho, a gente encontrou uma situação em que os índios, além de perder, além de estarem perdendo de uma maneira rápida a própria cultura, até se envergonhavam quase, escondiam o fato de ser índios, sabe, tinham uma consciência de inferioridade frente ao branco. Daí, através do Evangelho, da catequese mesmo, a gente anunciou o que é, Evangelho é defender primeiro a própria terra, os valores que eles tinham, os antepassados tinham, que era uma coisa importante, que seria índio não era uma coisa para se desprezar, até Deus queria eles, Deus não queria que eles não fossem índios.

Isto aqui como uma atitude em geral, depois a gente partiu para iniciativas práticas, ^{partindo} as vezes de uma maneira diferente, dependendo da proble

mática que encontrávamos em cada área. A metodologia de trabalho era essa, se reunia com a comunidade e ~~com~~ junto com eles analisávamos os problemas. Às vezes era o fato de uma doença, uma epidemia que tinha dado, a gente refletia sobre aquilo, porque esta epidemia, porque deu, como é que a gente poderia evitar. E daí a comunidade partia para se organizar, para tomar a iniciativa sem esperar que tudo viesse de fora, por parte do governo, por parte da FUNAI, por parte de outras pessoas. Incentivar aquilo que a comunidade poderia fazer, e incentivar o orgulho que eles eram capazes de fazer isso. Aí são várias iniciativas iniciais, como a enfermaria, que o índio mesmo foi estudar, a gente procurou remédios fora, em Macapá, no estrangeiro, pediu até para a secretaria de saúde. Mas o índio mesmo fazendo a própria enfermaria, estudando para ser enfermeiro. E também aquele trabalho que foi tratado, não é, não é que foi profundo, também não se colocando contra os usos e costumes nesta base de curas, não é, com a pajelança, o xamã. Os índios ficaram convencidos que tinham doenças que o xamã curava e outras que precisava do remédio de fora. E tem uma base isto, não é, que tendo doenças que eles tratam, tem um estudo ^{até} de um enfermeiro que trabalhou lá, eles tinham um conhecimento bom, mas tinha outras doenças que na tradição não existia, então não existia cura para isso. *(para doença introduzidas de fora.)* Então aí, depois você sabe a história, então fez a FUNAI, ~~entrou~~ a enfermaria, mas ainda ficou isso na comunidade. Os enfermeiros são índios, chegam a esta conclusão por exemplo, e ag

ora vai ser implantado um laboratório, se Deus quiser, sempre com este intuito, o índio que toma conta disso. A respeito da terra, também o trabalho não foi assim, a gente ia lá com uma programação, ~~mas~~ olha, aqui está o problema da terra, aqui está a auto determinação, vocês tem que se auto determinar, vocês tem que defender a terra. Isso foi mesmo partindo da situação histórica, da situação real em que a comunidade se encontrava, de consciencia, não é. Então, sempre partindo de fatos concretos, de comparação, olha como aqueles índios fizeram, olha o que aconteceu para... de informação, sabe, isto foi importante. Esta tarefa, para chegar a esta consciência foi um trabalho de contato, ~~foram~~ seja de informação externa, seja dos índios mesmos saírem da área para se encontrar com outros índios. Isto não foi do dia para a noite, mas surgiu devagarzinho uma consciência disso. ~~Então~~ Então, foram organizadas as primeiras assembléias indígenas, no ano 75, deu esta ênfase muito importante à reserva. Depois a luta com o povo Galecis levou para frente e ganhou para que a remarcação fosse afim ao pedido deles, à necessidade deles. Isso não teria acontecido Há vinte anos atrás, por exemplo, que os índios nem sabiam que a reserva não era demarcada, o que era demarcação, o que que garantia a terra, por causa de informação. Então o estatuto do índio eles começaram a ler, os índios em geral, umas pessoas da comunidade, a comentar, não é. E a respeito da terra foi em frente até a

,foi outra etapa.
passagem da estrada. A estrada estava passando, eles não sabendo, sabendo que estava passando, pensando, nem sabendo quando é que iam iniciar os trabalhos. E a gente informou sobre a passagem da estrada. Aí deu, aí a gente ~~ou~~ reparou que a ~~consciência~~ consciência desse negócio de terra tinha crescido muito, porque os índios tomaram de uma confrontação entre índio, governo, FUNAI, aguentaram por muito tempo e depois exigiram coisas, não é. E aí também foi à revelia das comunidades, porque foi os caciques que assinaram e quando voltaram para as comunidades deles deu confrontação entre os caciques e as comunidades. E a meu ver foi uma coisa muito boa isso, sabe, porque a estrada teria passado, mesmo que não teria passado, antes ou depois um contato deste gênero teria chegado. Então o fato de ter já enfrentado esse problema da estrada foi uma espécie de vacina, isto é, colocar o problema antes que surgisse de uma maneira aguda. Então, vocês veem que agora para os garimpos lá para cima, algumas inquietações, os índios tão de olho, porque já discutiram muito naquela época. Foi bom isto, não é que foi negativo, eles estão mais conscientes disso. Isto à respeito da terra, e também a participação deles com a problemática de outros povos. Cartas escritas, abaixo-assinados mesmo por parte das comunidades, mensagens, a outros povos que estavam em dificuldades. Isto também é uma forma interessante. A respeito da autodeterminação, bom, aí não foi um trabalho não só teórico, não é, mas através das iniciativas. A gente já falou da enfermaria, depois tem as cooper

ativas, depois tem o caminhão, várias iniciativas. em que os índios começaram eles mesmos a tomar conta de ~~xxxx~~ determinados projetos e iniciativas, ou mesmo que a FUNAI, o governo fizessem projetos, os índios já olhavam para aquilo com olhar crítico, sabe, se prestava ou não. Isso aqui a gente está falando em geral, não é que essa consciência seja generalizada em todos os índios. Isso se expressa através do chefe, das pessoas mais conscientes que falam em patois, informam aos outros, os outros também falam, discutem. A gente não pode medir o quanto de extensão coletiva entre algo que cresceu aí dentro na expressão das comunidades. Isto foi a auto determinação, todos os projetos da FUNAI, querendo ou não, deram certo ou não, mas a comunidade sempre ficou de olho, sabendo, exigindo, que também o produto daquelas roças fossem para eles. Se deu certo ou não, isto aqui é outra questão, questão de de organização, de estudo anterior. Mas em relação ao índio, esta participação que não tinha com certeza no tempo de Eurico Fernandes, eram projetos que a FUNAI levava para frente, que ficava propondo o chefe do posto, os índios pode ser que eram chamados para trabalhar, mas que não consideravam.....

A respeito da cultura, a gente notou uma transformação, a metodologia de trabalho foi esta, a gente mesmo perguntando sobre os mitos, sobre os , apreciando, mostrando que x eram coisas boas

, que tinham valor, nesta tendência de achar graça de uma pessoa de fora é a mesma coisa. E agora os índios por exemplo não escondem mais que são índios. Eles dizem, nós somos índios. Aliás, defendem, porque vêem um perigo na negação da identidade de frente a sociedade envolvente com a perda da terra e o resto. Isso aqui a gente vê, agora, frente à sociedade envolvente, se identifica, reconhece a própria identidade. Isso não sei o que é que foi, revitalização dessas tradições. Por exemplo, no Espírito Santo tinha antigamente, de vez em quando pode ser que tinha alguma coisa, agora se tornou uma tradição que eles mesmos apreciavam quando a gente vai. Mostra, comenta, isto aqui é nosso treino, a nossa dança, não só isso, ~~e~~ mas também a nossa maneira de trabalhar, o mutirão, é muito bom para nós, fazer as comparações. Valorizando, as vezes super valorizando as próprias coisas, numa atitude contrária. E depois tem o trabalho de educação, que começou mais recentemente. O trabalho de educação que agora ainda, tem um caminho mas não tem. A gente fez uma avaliação recentemente com as comunidades. O trabalho de educação foi uma iniciativa da escola creole, a valorização da língua, a gente fez esta pesquisa, vocês viram a situação lá no Curi pi, que era até proibido falar, até ensinar os filhos a falar em creole, as professoras mesmo. Eles mesmos dizem, antigamente nós,

eu não ~~me~~ ensinei ao meu filho o creole porque era proibido falar. E agora estão descobrindo que é ^{uma} língua deles, não é a língua deles original, mas uma maneira também para se identificar. É importante, não é só uma coisa prática uma metodologia de alfabetização, isto é, não é que a finalidade principal é simplesmente aprender o português bem, e para aprender o português vocês tem que ser alfabetizados na língua materna e depois e depois aprender o português. A língua em si mesma ~~eles estão a~~ ^{a gente está notando} ~~notando~~ que tem um valor, adquire um valor para ~~ela~~ eles, sem excluir o português que eles querem todo mundo aprender a falar, e que é importante também. ~~mas~~ Agora a gente está partindo, mas até agora não chegamos, só em parte, através da escola creole-português para que a comunidade mesmo se torne, se considere dona da escola e participe ativamente da metodologia e do conteúdo, não da técnica, mais que da metodologia e do conteúdo, mas também é a mesma coisa, não é, porque ^(depois) para estabelecer a metodologia a comunidade que vai participar, então é uma metodologia também.

VINCENT - Praticamente, como é que você acha que vai se viabilizar, ^{isso} entende, por que tem todo o aspecto oficial da escola.

NELLO- Aí é um problema.

VINCENT- Porque parece que está havendo uma dificuldade de entrosamento entre o aspecto oficial

NELLO- Eles não querem mais nada. Pegaram o nosso projeto, que a gente

enviou, vão realizar aquele mesmo projeto, mas querem que seja a SEC, a secretaria de educação. Então aí a gente está vendo este caminho, da comunidade tomar, já tomou em parte, mas tomar rapidamente consciênciã da importância de uma escola deste jeito. Vai ser difícil ela impor, sabe, vai ter que aceitar.

VINCENT - E como seria a escola?

NELLO - A SEC, a secretaria de educação é do Estado do Amazonas, não é, no Brasil, então tem que aprender português, tem que aprender matemática, ela vai ter que colocar um conteúdo quase que obrigatório para ser reconhecido como primário, mas ninguém pede que além disso, que eles também vão aprender matemática, vão aprender comunicação e expressão, vai aprender o português, vai aprender a história do Brasil, não é. Então não vai faltar nada daquilo que se exige. Agora, dentro deste contexto, a metodologia da escola e o conteúdo vai ser bastante ampliado, vai ter história dos índios, vai ter artesanato, a gente pensa, isso aqui já é uma idéia, vai ter outras coisas que os ~~próprios~~ índios vão a própria escola. Então, se a SEC quiser reconhecer mesmo, reconhece, se não, no final do ano aplicarei as provas para se eles estão..... da 1ª série, da 2ª e da 3ª, espero ser reconhecido pela..legislação, não, mas eu acho difícil que a SEC se coloque em contraste com a comunidade se a comunidade vai saber o que quer. A gente encontrou dificuldade neste ano. A dificuldade é esta: as escolas mesmo, devido a estes profess

ores melhoraram sensivelmente. 1º porque tiveram o ano letivo completo, em lugar de duas horas tiveram quatro horas. Tiveram uma preparação específica, mesmo que limitada sobre a cultura indígena, a maneira de viver com a comunidade. procurar se entrosar, viver bastante em conjunto, participar das roças. Então, hoje as comunidades estão pensando muito nisso, o que não acontecia, porém, apesar disso, se a escola foi melhor foi da pessoa dos melhor por causa da atitude ~~dos~~ professores, não da participação e da comunidade que ficou passiva neste ano passado também. A comunidade simplesmente ficou olhando a escola, se foi melhor, dependeu dos professores presentes, que o professor não se afastava, deu aulas todos os dias, deu de uma maneira mais compreensível, deu até aulas particulares, sabe como é. Mas, não é que foi uma escola diferente, indígena, porque a comunidade estava participando daquilo no conteúdo e na programação. Isto aqui não teve, isto seriam as condições que nós colocamos para a comunidade para prosseguir nesta iniciativa, porque se for só na parte de eficiência e de professores, eles querem a escola de um determinado tipo, então o caminho seria eles imporem, exigirem esta maior eficiência do governo e da FUNAI. E fazer aquele tipo de escola, eles poderiam exigir

VINCENT- É o 1º ano da experiência

NELLO- Segundo... Só que o 1º ano fizemos só no Espírito Santo e neste ano ampliou

VINCENTE - Você tem o mapeamento disso, que lugares que tem escola

NELLO - Não , a gente agora está confundindo, são dois tipos de iniciativa. Tem a escola creole e a escola em português. Nesta escola creole, a gente não vai ter contraste com a SEC, só fazendo outras iniciativas, fazendo casulo (?) , fazendo obra escolar (?), isto é, fazendo uma coisa igual e paralela, só neste sentido, mas vai ser uma escola independente da SEC, a escola creole, não reconhecida, iniciativa da comunidade , sabe, também não teve um alcance grande esta escola creole como número de alunos. Porém teve, está tendo uma influência por causa da iniciativa em si mesma, e no próximo ano vai se ampliar, ou melhor, no que está entrando. Eles estão tomando consciência da importância disto, sabe. Agora, para a escola em português o primário mesmo, aí que a coisa está problemática com a secretaria de educação do governo. Uma solução ~~seria~~ poderia (a gente também se ~~desligar~~ desligar (?) desta secretaria, porque a FUNAI pelo menos em escolas bilíngues, estas coisas, numa determinada maneira ela admite, não é, então os boletins poderiam depender da FUNAI , e a FUNAI não controla estas coisas não, tem uma visita por ano, se tiver. Tem toda liberdade a comunidade e a gente para organizar uma escola diferente. Não tem controle por parte da FUNAI, no máximo ela vai exigir uma documentação, uma frequência, um boletim, isto ~~é~~ é fácil. Poderia ser essa uma solução, poderia haver, se a ~~adec~~ (?) não conseguir , as comunidades se impõe a ~~adec~~(?) voltar atrás e pedir uma colaboração e pode ser que as comunidades tenham a iniciativa e queiram uma escola assim, mesmo que não tenha boletim, mesmo

que tenham sabe, ai a gente vai ver, a gente não pode saber, não é. Aí depende muito da tomada de posição das comunidades, eles vão mandar resposta no fim deste mes. E a SEC vai neste mes também para fazer levantamento e falar com as comunidades, aí depende deles, a gente não apressa^o resposta assim para que eles tivessem bastante tempo de pensar, vai ser colocado por escrito, é importante a todo mundo.

MOÇA = A escola em português é em Kumarumá (?) e a escola creole é Espírito Santo e

NELLO= Agora, onde estão produzindo os textos é no Espírito Santo, em Kumarumá (?) não, porque aí anteriormente a escola creole teve um ano de escola por parte da Rebeca, não de alfabetização, mas dos índios já alfabetizados em português para aprender a escrita em creole, aprender, discutir, aprender melhor. A escola em creole é feita pelos índios, em português são professores externos. A escola creole é com monitores indígenas.

VINCENT= Mas eu vi uma aula em ^{Maria}Numanga(?) com professor indígena e era em português.

NELLO= Em português?

VINCENT= Não era aula

NELLO = não era aula, não tem professor indígena em português

MOÇA= No dia que nós chegamos

NELLO = Não era a Maria que estava lá?

M e V = Não não. Na volta

N= Ah, era o Culto, culto para crianças

M= E essa parte aí, como é que, como é que está

NELLO= É, da parte religiosa, bem este trabalho em geral que a gente explicou antes, de fazer casamentos mesmo. A gente não interferiu, sabe, eles tem todas tradições, festas religiosas, como por exemplo a festa do espírito santo. A gente simplesmente deixou, eles estão indo para a frente, aquilo é uma coisa bem enraizada. E a gente as vezes participou, colocando batizado naquela ocasião, fazendo uma missa a mais, tá entendendo e no Ku

marumã (?) a mesma coisa, tem uma festa religiosa no dia 15 de agosto e eu nunca participei. Antigamente, os primeiros anos eram coisas quase que paralelas. A gente fazia o serviço religioso da gente e a comunidade além disso fazia as festas religiosas dela. Posteriormente, as coisas quase que se combinaram, são paralelas mas não são diferentes, simplesmente a gente aprecia aquilo.

M= Mas e os cultos, são catequistas?

NELLO= Bem, a questão dos cultos é assim: quando a gente chegou não tinha o culto, o único contato que tinha com o padre era uma vez por ano, as vezes nem uma vez por um ano, quando o padre fazia a desobriga (?) e dava simplesmente um batizado. Às vezes ficava 3 dias, fazia uma preparação lá para os meninos e meninas e dava a 1ª comunhão, mas quase não tinha. A finalidade da desobriga que os índios queriam mesmo era o batismo. Era esta a única atividade religiosa presente

M= E o casamento

N= Não, nem tanto o casamento. Alguns eram casados, outros não, aí dependia. Agora, daí se começou a organizar as comunidades, isto é, se reunia cada semana, nem sempre funciona assim numa maneira matemática e nem que toda comunidade participa, porém é uma idéia que veio aos poucos e está aqui, não foi implantada também de lá. (...) foi lançada a idéia, passou um ano até que veio. E daí saiu a necessidade, o pessoal dizia, a gente acha bom fazer este culto, porém, quem é que faz? Então alguns índios foram fazer uma espécie de estágio para isso. Foi o Miranda, foi o Felizardo, foi o Alvaro, vários índios, até um agora está em Macapá, em vila Santa Isabel. O primeiro estágio fizemos nas aldeias, a gente fazia cursos de 4, 5 dias em cada aldeia para 20, 30 pessoas, mais os homens. Daí surgiram idéias, fazer culto, fazer tal coisa, então a gente mimeografava e mandava. E este culto ficou mesmo com uma idéia de ser um pouquinho, não é que e

stava acostumado a fazer muitas reuniões por conta deles, então no culto é oração, é bíblia, e depois em geral a discussão dos problemas da comunidade. Quando tinha um problema, quando tinha o balancete da cooperativa e ra lá, durante o culto era apresentado, mas o balancete não funcionou muito.

M= E estes cultos separavam criança e adulto

NELLO= - É só Numanga (?), foi iniciativa deles. Eles achavam bom que fosse separado e fizeram. É o único lugar onde está separado.

M= É a participação nesses cultos?

NELLO= Bem, vai mais ou menos por época. Por exemplo, em Kumarumá (?) agora é autorizado, ficou só ele, quando ele não está não fazem. Em Numanga não (?) por exemplo, no Espírito Santo não, em Santa Isabel em geral tem um e vai outro. Tem em Numanga, tem em Santa Isabel, Espírito Santo e Kumarumã. Quem iniciou 1º foi em S Isabel, naquela época em Kumarumã, Kumarumã foi um dos 1ºs, Espírito Santo é mais recente, Numanga foi intermitente, faziam, não faziam, mas agora tem todo domingo. E numa ocasião também, por exemplo este problema da educação, esta proposta que a gente fez, é no culto que vai ser enfrentado, é no momento em que a comunidade se reúne. Tem as vezes outras reuniões, quando tem algum problema urgente e eles reúnem também, tem outro tipo de reunião também com Umarumani (?), mas a reunião constante, semanal é durante o culto. Tem que ser um assunto bem importante que então manda aviso para se reunir. Ainda tem essa reunião fora do culto, ainda tem, em situações bem importantes. E também no culto nem sempre são enfrentados os problemas da comunidade, aí depende a pessoa que (?) a pessoa que (?) . Em geral quando tem é o lugar para ser discutido, não é o único lugar.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

Nelle (CONT.) = ... batizado, casamento, de utilizar algumas coisas indígenas na liturgia, mas a gente está deveras sentindo uma grande dificuldade, porque nunca teve, por parte da igreja, um trabalho nesse sentido, porque a liturgia é uma expressão através de sinais culturais que o povo conhece, de atitudes, de idéias, de fé. Mas houve sempre um paralelismo, isto é, um paralelismo não, a liturgia foi sempre ocidental, os sinais, a liturgia, completamente. A gente está adaptando alguma coisa, por exemplo, no rito de batizado, eles tinham uma espécie de batismo, os Galibis (?), uma espécie de resguardo para a mãe, o pai, e ^{depois} a dieta, e ~~na~~ final tinha a posição de nome e o(?), o menino ficava separado do pai. Então pedia ... mas a gente colocou alguma coisinha no ritual do batizado, mas o ritual é bem rígido, às vezes, e as vezes é ^{mais} ~~uma coisa~~ ^{coisa} bem superficial de que uma liturgia indígena. Isto a gente está sentindo e tem problemas, desde tempo, mas precisaria um trabalho bastante aprofundado para isso, e para fazer uma liturgia indígena, a gente não conseguiu mesmo. A catequese se torna, porque a gente pega exemplos da comunidade, as vezes até mitos e outras coisas, é mais fácil, a parte assim teórica de transmissão e de idéias, faz exemplos com a vida dos índios. Porque eles tem esses ^{elementos} ~~exemplos~~ que se traduzem presentes nessa época. Agora, a liturgia se tornou um problema grande, ainda não tem, tem que reconhecer que não tem, mesmo as coisinhas que a gente faz são coisas muito superficiais. Vocês veem, por exemplo, na festa do Divino Espírito Santo, aí eles pegaram uma coisa completamente de fora, até as ladainhas, que até hoje são cantadas em latim, eles cantam em latim as ladainhas, que os missionários franceses introduziram. Eu acho que foi por eles. Mas o contexto todo daquela festa já pegou características bastante indígenas, porque tem o almoço em comum, tem os caçadores que vão lá, é uma festa de toda a comunidade, comunitariamente, tem ~~as~~ as bandeiras que eu não sei de onde vieram, a pombinha, são todos elementos externos, mas a maneira de viver aquela festa, de se organizar, não faz parte daque

la festa. Aí ~~foi~~ a comunidade mesmo que inventou aquilo, não faz mal se o pessoal canta ^{as} ~~as~~ landainhas e não entende o que quer dizer, importante é aquele canto, aquele ritual. Eu acho que se tornou bastante característico aquilo, a comunidade transformou aquilo e fez à maneira dela. Tem elementos externos, mas tem elementos que eles inventaram.